

A GINÁSTICA ARTÍSTICA COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Celso Ferreira Junior

Licenciado em Educação Física/ISECENSA/RJ
celsinhojunio@hotmail.com

João Paulo Pimentel Alvarenga

Mestre em Comunicação/UFRJ/RJ
joaoppalvarenga@bol.com.br

Maria Auxiliadora Siqueira Viana

Mestre em Educação Física, Saúde e Qualidade de Vida/UNIG/RJ
doragin@terra.com.br

Nilo Terra Arêas Neto

Mestre em Ciencia da Motricidade Humana/UCB/RJ
terra.nilo@gmail.com

RESUMO

O presente estudo objetivou discutir a relevância da Ginástica Artística (G.A.) no âmbito escolar. Por meio de um breve estudo de revisão de literatura que delimitou-se a pesquisar o assunto nas duas últimas décadas foi possível constatar que a Ginástica Artística pode e deve ser utilizada como estratégia de trabalho nas aulas de Educação Física Escolar. O que a credencia para tal é a multiplicidade de experiências corporais extremamente importantes para o desenvolvimento global do indivíduo, especialmente de alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, que são enfatizadas e trabalhadas em suas sessões. Constatou-se que variáveis como: coordenação, ritmo, inteligência cinestésica-corporal, lateralidade, força, flexibilidade presentes na aprendizagem dos movimentos acrobáticos e pré-acrobáticos da G.A. contribuem positivamente para a aquisição de habilidades psicomotrizas, cognitivas e afetivas. Além disso, pôde-se verificar também que aspectos psicoemocionais como a superação do risco implícito na aprendizagem das acrobacias podem promover o resgate e o incremento da auto-confiança e da auto-estima de seus praticantes. Contudo, fatores como falta de qualificação, falta de material pedagógico, o mito da baixa estatura e desinformação por parte de gestores e coordenadores da área foram considerados os principais motivos para a exclusão da G.A. do contexto Escolar.

Palavras-chave: Ginástica Artística, Educação Física Escolar, Desenvolvimento Global.

ABSTRACT

This study discusses the relevance of Artistic Gymnastics (GA) in the school. Through a brief survey of the literature review that was narrowed to research the subject in the last two decades it was found that the GA, for their developmental potential, and can be used a strategy in Physical Education classes. A plurality of body experiences extremely important to the overall development of the individual, especially for students from lower grades of elementary school are emphasized and worked on sessions GA Variables such as: coordination, rhythm, bodily-kinesthetic intelligence, handedness, strength, flexibility present in the learning of pre-acrobatic moves and acrobatic contribute positively to the acquisition of skills psicomotrizas, cognitive and affective. Psychoemotional aspects such as overcoming the risk involved in learning the tricks can promote the recovery and increasing self-confidence of its practitioners, as might befound here. However, factors such as lack of qualifications, lack of teaching materials, the stature of myth and misinformation on the part of managers and area coordinators were considered the main reasons for exclusion from GA School of context.

Keywords: Artistic Gymnastics, Physical Education, Global Development

1. INTRODUÇÃO

As funções de motricidade, o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento afetivo estão intimamente ligados na criança, compondo e formando relações que facilitam a abordagem global da criança, constituindo as estruturas do desenvolvimento psicomotor. Assim, o trabalho com a Educação Psicomotora pode e deve ser desenvolvido como um elemento preventivo ou profilático, para dificuldades que possam surgir no processo de aprendizagem escolar ou até mesmo para um trabalho reeducativo futuro (FONSECA, 1998).

Segundo o proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs (BRASIL, 1997), no âmbito Escolar, a Educação Física é a disciplina responsável por apresentar aos alunos o universo da cultura corporal, através de várias estratégias e metodologias que subservem a Educação Física Escolar e que estão contidas nos conceitos da Educação Psicomotora. É através da estimulação psicomotora nas aulas de Educação Física Escolar que se proporciona meios para que os alunos explorem seus corpos e o mundo que os cerca, possibilitando a estes o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, psicomotores e sócio-afetivos necessários ao seu aprendizado e ao seu desenvolvimento global.

Contudo, não é isso que se observa na prática. Mesmo sendo um dos conteúdos “progenitores” da Educação Física, atualmente, a Ginástica Artística encontra-se distante desta.

Apesar de ser uma prática corporal a qual todos podem ter acesso, pelo menos durante a iniciação, a Ginástica Artística (G. A.) ainda é muito carregada de mitos, e diferentes motivos impedem ou dificultam a sua prática. Na verdade, atividades como as ginásticas (artística, acrobática, rítmica), judô, dança, capoeira entre outras, são praticamente inexistentes no âmbito curricular (NUNOMURA, 1998b).

A pergunta aqui feita é: o que ocorre para que a G.A. não seja contemplada nos planejamentos e não seja utilizada como estratégia de desenvolvimento psicomotor nas aulas de Educação Física Escolar para alunos 1º ao 5º do primeiro segmento? Vários aspectos contribuintes para a exclusão da G.A. dos conteúdos das aulas de Educação Física Escolar podem aqui ser mencionados, tais como: desconhecimento dos níveis de risco da atividade, falta de material e local adequado para a prática, medo de acidentes por parte dos professores, da direção das escolas e outros ainda (NUNOMURA, 1998a; ARÊAS NETO, 2003).

Vale ressaltar que, quando da iniciação, os alunos não necessitam de muitos aparelhos ou material específico. Bastam alguns colchões e uma sala com boas condições de higiene para que se inicie o trabalho propriamente dito. Dessa forma já é possível possibilitar aos alunos a exploração corporal e motriz necessárias ao seu bom desenvolvimento (NUNOMURA, 1998a; ARÊAS NETO, 2003).

O principal entrave para o implemento da G.A. nas aulas de Educação Física Escolar parece ser a falta de conhecimento, por parte dos profissionais que cuidam da educação física escolar, das técnicas de segurança e de desenvolvimento do trabalho com esta modalidade.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para esta pesquisa optou-se por um Estudo de Revisão de Literatura, visto que esta técnica de pesquisa descritiva é amplamente utilizada pelas áreas da Educação e Saúde (THOMAS e NELSON, 2002). O levantamento bibliográfico constou de consultas a teses monográficas e livros clássicos sobre o tema. Também pesquisou-se artigos científicos nas bases Medline, Bireme, Lilacs e Scielo, nas duas últimas décadas. Para tanto utilizou-se os seguintes descritores: ginástica artística; educação física escolar; desenvolvimento infantil.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Cada vez mais à Escola é acionada a resolver problemas característicos da vida contemporânea. No caso do desenvolvimento Psicomotor, com a descaracterização da “Rua” como palco de experimentação e

aprendizagem, sobrou para a Escola o papel de equacionar ou minimizar os efeitos do déficit psicomotor das crianças, acumulado pela falta de espaço para as vivências psicomotoras.

Assim, a educação física escolar brasileira não pode continuar com o objetivo central voltado para a produção e comprovação de rendimentos apenas, mas também para contribuir com o desenvolvimento do ser humano em sua totalidade.

Neste sentido, as aulas de educação física devem abordar temas abrangentes e interdisciplinares, capazes de solicitar criatividade e capacidade de organização, favorecendo o comportamento e o desenvolvimento humano. A ginástica é abrangente na medida em que orienta exercícios favoráveis aos estímulos dos domínios cognitivo, afetivo e psicomotormotor (DIECKERT, 1986).

Lent (2002) afirma que a fase mais importante do desenvolvimento se encontra na infância e a denomina de fase “crítica ou preciosa”, ou ainda, fase das habilidades fundamentais. Segundo Le Boulch (1982) e Da Silva (2002) é nesta fase que os profissionais de Educação Física têm maior chance de contribuir na aprendizagem psicomotora das crianças.

Fonseca (1998), Lapiere e Aucouturier (1986) e Lent (2002) afirmam que as crianças na fase “preciosa” de suas vidas podem e devem ser continuamente estimuladas em várias competências. Esses autores atribuem esse fato a pré-esquemas motores que todos os indivíduos possuem e que precisam de estímulos para se consolidar, evitando, inclusive, algumas dificuldades de aprendizagem.

Guedes e Guedes (1997), analisando o tipo de atividade e o nível de intensidade do esforço físico oferecidos aos escolares durante as aulas de Educação Física concluíram que os programas apresentam limitada relação com os objetivos educacionais voltados à atividade física como meio de promoção de saúde e melhora da aptidão física.

Assim, a Ginástica Artística se apresenta como efetiva ferramenta de desenvolvimento psicomotor. Incluída nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) como disciplina formadora, pois ajuda a desenvolver o equilíbrio, a resistência, a flexibilidade e a força entre outras variáveis. Também pelo constante estado de risco e transgressão dos limites corpóreos esta modalidade deveria ser amplamente utilizada nas séries finais da Educação Infantil, e nas séries iniciais do Ensino Fundamental (DA SILVA, 2002; ARÊAS NETO et al 2003).

Desde o nascimento o que salta aos olhos no desenvolvimento infantil é o corpo e seus movimentos que, inicialmente, não apresentam significados ainda inscritos. É aos poucos, este corpo em movimento transforma-se em expressão de desejo e, posteriormente, em linguagem. É óbvio que para que este processo de desenvolvimento se dê de forma maximizada é adequado um trabalho de desenvolvimento psicomotor (FONSECA, 1998).

Segundo Fonseca (1998) e Da Silva (2002) o desenvolvimento psicomotor é a interação existente entre o pensamento, consciente ou não, e o movimento efetuado pelos músculos, com ajuda do sistema nervoso. Desse modo, cérebro e músculos influenciam-se e educam-se, fazendo com que o indivíduo evolua, progredindo no plano do pensamento e da motricidade.

No entanto, quando do início da vida escolar, as crianças possuem apenas um professor e este se dedica, quase que integralmente, aos conteúdos de sala de aula, como a aprendizagem da escrita, da leitura, das operações lógico-matemáticas entre outros conteúdos pertinentes e de demanda predominantemente cognitiva. Esquece-se que quando se fala em desenvolvimento infantil, a criança precisa alfabetizar primeiramente o corpo em relação ao intelecto. Afinal, disso também depende sua saúde física e mental, pois é através do corpo que a criança explora o mundo em que vive, brincando e adquirindo repertório de vivências motrizes e sensoriais necessários à aprendizagem, a socialização e a autonomia (FONSECA, 1998; DE MEUER e STAES, 1991).

Para que esse desenvolvimento aconteça de forma ótima se faz necessária a observância e entendimento dos conceitos em psicomotricidade e implementação do trabalho com os elementos psicomotores, os movimentos naturais, a expressão corporal e as habilidades motrizes básicas associados ao

contexto histórico-cultural e afetivo, que devem estar contidos nas aulas de Educação Física Escolar (DE MEUER E STAES, 1991; FONSECA, 1998; ARAUJO et al, 2009).

Isso acontece porque a Psicomotricidade, se preocupando com a relação entre o homem e o seu corpo, considera não só aspectos psicomotores, mas as necessidades aos desenvolvimentos cognitivos e sócio-afetivos que constituem o sujeito (FONSECA, 2008; ROSA NETO et al, 2007).

Então, parece óbvio a relevância do desenvolvimento psicomotor adequado para que a criança tenha um desenvolvimento intelectual ajustado.

Também é de conhecimento geral que o desenvolvimento humano compreende todas as mudanças contínuas que ocorrem desde a concepção ao nascimento, e do nascimento à morte e que neste período surgem processos evolutivos, maturacionais e hierarquizados num plano biológico e num plano social que podem e devem ser potencializados e estimulados por meio da atividade física adequada (FONSECA, 1998; ROSA NETO, 2002).

Assim, a tomada de consciência do corpo requer a atuação de habilidades cognitivas e psicomotoras específicas, por esse motivo o desenvolvimento motor no decorrer dos primeiros anos de vida da criança, está em estreita relação com a inteligência, pois geralmente a criança que apresenta uma dificuldade motora, pode sofrer um atraso no seu desenvolvimento intelectual (FONSECA, 1998).

Este mesmo autor nos diz que a observação e a avaliação psicomotora podem contribuir no diagnóstico de distúrbios psicomotores e, que a prevenção de algumas dificuldades de aprendizagem fazem parte dos objetivos do desenvolvimento do trabalho com a Educação psicomotora (LE BOULCH, 1982).

A Educação psicomotora é dirigida à atuação dentro do âmbito escolar, principalmente nos segmentos da Educação Infantil e no Ensino Fundamental I. Teve início na França, com o professor de Educação Física Jean Lê Boulch, na segunda metade da década de 60, objetivando o desenvolvimento global do indivíduo por meio dos movimentos e, mais especificamente, evitar distúrbios de aprendizagem. Assim, a Psicomotricidade atua proporcionando ambientes que estimulem as vivências corporais, ou seja, buscando desafiar os alunos, atingindo suas zonas de desenvolvimentos, como defende Vygotsky (1989).

A Ginástica Artística (G.A), como é conhecida atualmente, tem sua origem na Antiguidade. Estudiosos gregos criaram o termo *Gymnus*, que quer dizer: nu (tratando-se da prática de atividades com o corpo desnudo). A época foram também criadas as primeiras sistematizações de atividades físicas, onde Publio (2002) apud Arêas Neto (2003), ressalta a importância da antiguidade grega no aspecto histórico-evolutivo das Ginásticas, em especial da Ginástica Artística.

Marrou (1969) apud Arêas Neto (2003) coloca a Ginástica na Antiguidade grega como “o elemento, senão preponderante, pelo menos característico da formação do jovem grego” sendo um “dos traços dominantes da vida grega”.

Neste período existiam diferentes formas de aplicação das Ginásticas. Em Atenas predominava o ideal do culto ao corpo, sendo a prática de exercícios físicos valorizada como educação corporal, enquanto os espartanos e romanos praticavam exercícios físicos para a preparação de soldados para guerrear (SOUZA, 1997).

Mais a frente na História, com o Iluminismo, filósofos e pedagogos atribuíram grande importância à prática das Ginásticas, um bem para a formação integral do homem. Seguidos dos médicos, que acreditavam na atividade física como benefício à saúde auxiliando na ascensão das Ginásticas pelo Ocidente.

Em meados do século XVIII, surgem os Métodos Ginásticos que eram formulados “com princípios da cultura da Grécia antiga, que enaltecia a saúde, a força e a beleza” (BREGOLATO, 2002). Este mesmo autor discorre que dentre os métodos idealizados no século XVIII, o Alemão, o Sueco e o Francês, foram os que obtiveram maior penetração mundial.

Neste mesmo período, o Alemão Adolph Spiess ocupa-se da inserção da Ginástica nas escolas alemãs, mais precisamente em 1820 (OLIVEIRA, 1985). Incrementando esta inserção, o também alemão, Spiess propõe que um período do dia seja dedicado ao exercício físico e que a Ginástica seja contemplada neste período (MENEGETTI, 2003).

Porém, a Dinamarca foi o primeiro país a incluir as Ginásticas nas escolas, influenciada pelas idéias de Franz Nethegal, em 1801 (OLIVEIRA, 1985).

O Método Dinamarquês não teve a mesma força de aceitação como o Alemão, Francês e Sueco, justamente pelo seu caráter pedagógico em contraposição ao militar. Outro fato importante para as Ginásticas foi a criação do Método Francês de Ginástica, na segunda metade do século XIX (Bregolato, 2002).

No Brasil as Ginásticas só foram inseridas em meados do século XVIII, assim mesmo, visando à preparação física dos soldados da Corte. O primeiro sistema de Ginásticas a ser implantado no país foi o alemão, na primeira metade do século XIX (MARINHO, 1953).

Meneghetti (2003) justifica em seu estudo que a introdução do método alemão no Brasil deveu-se ao grande número de imigrantes refugiados da guerra que se instalaram no país, tendo como hábito essa prática física. A força do referido método é tão ampla, que por volta de 1860, é consagrado como o método oficial do exército brasileiro, embora o Método Francês também tenha ganhado espaço neste mesmo período.

Com a reforma da Educação em 1822, se dá a consolidação da inserção das Ginásticas na escola em que Rui Barbosa deu seu parecer sobre o Projeto 224 — Reforma Leônicio de Carvalho, Decreto n. 7.247, de 19 de abril de 1879, da Instrução Pública —, no qual defendeu a inclusão da ginástica nas escolas e a equiparação dos professores de ginástica aos das outras disciplinas. Nesse parecer, ele destacou e explicitou sua idéia sobre a importância de se ter um corpo saudável para sustentar a atividade intelectual (BRASIL, 1997).

Mais tarde, com o implemento da reforma supracitada, houve recomendação para que a Ginástica fosse obrigatória para ambos os sexos e que fosse oferecida para as Escolas Normais (DARIDO e ANDRADE, 2005).

Os Métodos Ginásticos tiveram desenvolvimentos simultâneos, favorecendo a troca de informações entre os mesmos. Esses Métodos difundiram-se por toda a Europa, dotados de um sentimento nacionalista como forma de causar melhorias físicas aos jovens que enfrentariam as guerras da época, bem como melhorias étnico-raciais à nação (MENEGETTI, 2003).

Este mesmo autor afirma que as prerrogativas políticas militares dos Métodos Ginásticos permaneceram no século XX, acompanhando o desenvolvimento da Educação Física pelo mundo.

Ayoub (2003) destaca “que durante todo o séc. XIX e início do séc. XX, a ginástica (que compreendia exercícios militares, jogos, dança, esgrima, equitação e canto) era o conteúdo de ensino da Educação Física escolar”. Também a nomenclatura mais utilizada agora é a de Educação Física. As Ginásticas, aos poucos, vão deixando de ser ‘a’ Educação Física para se tornar um conteúdo da Educação Física.

É inegável, portanto, a contribuição das Ginásticas para o desenvolvimento histórico da Educação Física Escolar.

Ginástica Artística é uma modalidade que possui amplo repertório de exercícios, que podem ser executados através de combinações entre si. Dela fazem parte os mais diferentes tipos de ações motoras, com uma técnica característica para cada movimento ou gesto. Seus elementos básicos de movimentação são essencialmente variados e, se aplicados com uma visão educativa, tornam-se fundamentais para as aulas de educação física escolar.

A Ginástica Artística, aplicada na escola de forma pedagógica, deve ser trabalhada com atividades de fácil execução, estimulando a criança a participar prazerosamente num mundo de descobertas como salienta Hostal (1982 apud KOREN, 2004), auxiliando-a no desenvolvimento das habilidades motoras básicas.

Quando trabalhada adequadamente, esta modalidade poderá trazer benefícios e uma vida saudável para todos os escolares (NUNOMURA, 1998a e 1998b; KOREN, 2004).

Castellani Filho (1994) confirma a abrangência dos benefícios da G.A. ao descrever um trecho da fundamentação do educador Rui Barbosa em defesa da desta durante as aulas de educação física. Considerando que a educação física escolar engloba a ginástica artística como um dos conteúdos a serem tratados na escola, deve-se lembrar que como todos os outros conteúdos presentes na cultura corporal de movimentos, a modalidade tem como objetivo apenas a vivência, e não a competição e rendimento, podendo assim o aluno usufruir de todos os benefícios que este esporte encantador fornece

Segundo Ayoub (2003), Aprender ginástica na escola significa, portanto, estudar, vivenciar, conhecer, compreender, perceber, confrontar, interpretar, problematizar, compartilhar, apreender as inúmeras interpretações desta modalidade que, com base nesse aprendizado, buscar novos significados e criar novas possibilidades de expressão gímnica.

Nista-Piccolo e Nunomura (2005) reforçam essa idéia, quando citam a possibilidade de se ampliar o repertório motor da criança através da riqueza de materiais e da grande variedade de movimentos proporcionados pela Ginástica Artística.

Sendo assim, a G.A. pode contribuir e muito para o desenvolvimento de crianças da educação infantil e 1º e 2º ciclos facilitando a aquisição de habilidades, estruturas e qualidades física, ensinando ao um aluno a controlar seu próprio corpo numa variedade de situações locomotoras.

A Educação Física possui um privilégio dentro da escola, que é o prazer que os alunos têm por essa aula, onde estão presentes a ludicidade, os jogos. Aspectos que vão de encontro às características das crianças e dos jovens, e que se explorados contribuem significativamente para um desenvolvimento global dos alunos (BETTI e ZULIANI, 2002).

A importância da ginástica nas aulas de educação física é descrita por meio dos benefícios que a atividade proporciona aos alunos, contribuindo em todos os aspectos relacionados ao desenvolvimento do comportamento humano e auxiliando na formação do caráter e da personalidade, por meio da aprendizagem de habilidades motoras (TANI et al, 1988).

Para estes mesmos autores, no domínio motor, fazem parte todo e qualquer movimento. Em estudos sobre o tema o domínio motor é mencionado como domínio psicomotor, em função do envolvimento do aspecto mental cognitivo implícitos em todo movimento humano.

Por finalidade, a aquisição das habilidades motoras deveria ser um pretexto básico na representação da educação física escolar, já que o movimento gímnico oferece um papel importante no que se refere à experiência do domínio corporal no qual essas mesmas habilidades motoras, consideradas fundamentais, agem como um meio facilitador do desenvolvimento de diversas capacidades físicas, da melhoria da aptidão física e da prevenção de algumas dificuldades de aprendizagem (NUNOMURA, 1998a ; FONSECA, 1998; ARÊAS NETO, 2003).

Também, sob aspectos desportivos, a criança que não domina as habilidades motoras básicas apresentará dificuldades na especialização dos mesmos, ou seja, terá dificuldades em integrar as habilidades básicas nos movimentos complexos (ARÊAS NETO ET al, 2010).

Certamente a ginástica tem um grande potencial de promover ricas experiências aos educandos, no sentido de possibilitar uma educação comprometida com a relação a sua socialização. O ensino desta modalidade na escola tem importância no processo educacional e de formação humana. Seus objetivos e conteúdos possibilitam uma série de situações desafiantes, extremamente importantes para a autoconfiança e auto-estima de seus praticantes (LE BOULCH, 1982; NUNOMURA, 1998a e 1998b; ARÊAS NETO, 2003).

Vários autores concordam que a Ginástica Artística pode ser uma das ferramentas para o desenvolvimento da corporeidade, pois durante as atividades propostas com materiais básicos, a criança pode mudar completamente o referencial do espaço, contribuindo assim como um estímulo para as áreas cerebrais responsáveis pela coordenação motora e o equilíbrio (TANI ET al, 1988; NUNOMURA, 1998a, ARÊAS NETO, 2003; DIECKERT 1986).

Assim, não seria inapropriado afirmar que metodologias de ensino da Educação Física Escolar que não contém a G.A. em seus conteúdos, peca nas possibilidades de experimentação corpórea.

É determinado pela Lei Federal nº 9.394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, a obrigatoriedade de Ginástica nas aulas de educação física escolar. Conseqüentemente, os cursos de formação de professores de educação física possuem ou deveriam possuir em sua matriz curricular a Ginástica como disciplina obrigatória.

No entanto, o que se observa é que os professores não têm aplicado esses conteúdos em suas aulas como sugere os PCN's (1997). A seleção de conteúdos utilizada pela maioria dos docentes inviabiliza o acesso dos alunos às diferentes práticas da cultura corporal de movimento. Possíveis justificativas dos docentes para não incluírem outras práticas em suas aulas são as mais diversas. Entre elas têm-se o mito da baixa estatura de seus praticantes, a ausência de materiais esportivos, inexistência de espaço físico adequado para as atividades, falta de preparação profissional durante a formação para trabalharem com as modalidades que não as convencionais, além da insegurança sentida por estes professores ao ensinarem exercícios não vivenciados (NUNOMURA, 1998a e 1998b).

Desta maneira, o conhecimento do aluno fica restrito a algumas práticas corporais, impossibilitando-o a ampliação de novas vivências motrizes importantes para seu desenvolvimento psicomotor, afetivo e intelectual.

Contudo, se a inclusão dos conteúdos da ginástica artística nas aulas de educação física pode contribuir significativamente para a formação da criança e do futuro cidadão, se esta modalidade é obrigatória, cabe a Escola e ao profissional de Educação Física compreender sua importância, superar as adversidades e buscar meios para proporcionar aos seus alunos essa importante experiência motora.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diversos autores afirmam que a Educação Psicomotora contida nas aulas de Educação Física Escolar, com todo o seu espectro de movimentos e de experiências sensoriais, motrizes e cognitivas pode contribuir de forma definitiva para uma ótima consciência corporal e, conseqüentemente para a aquisição da linguagem escrita (DE MEUER e STAES, 1991; FONSECA, 1998; ARÊAS NETO, 2003; ARÊAS NETO et al, 2010).

Porém, a escola ainda mantém o caráter mecanicista instalado na Educação Básica, ignorando a psicomotricidade e sua importância para o desenvolvimento global dos indivíduos em idade pré-escolar e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, bem como a prevenção e tratamento de distúrbios psicomotores e de aprendizagem (FONSECA, 1998 e 2010; ABERASTURY, 1992; LE BOULCH, 1982 e ARÊAS NETO et al, 2009).

De acordo com Collares e Moysés (1993), o uso da expressão distúrbio de aprendizagem tem se expandido de maneira assustadora entre os professores, apesar da maioria desses profissionais nem sempre conseguir explicar claramente o significado dessa expressão ou os critérios em que se baseiam para utilizá-la no contexto escolar.

Também pode-se citar como agente motivador deste quadro de descaso com a Educação Física Escolar o fato de que, como faculta a LDBEN 9.394/96 (BRASIL, 1997b), grande parte das escolas mantém o professor normalista ou pedagogo ministrando as aulas de Educação Física Escolar, o que compromete a qualidade do trabalho psicomotor. Também as Escolas Superiores de Educação Física não valorizam a G.A. como disciplina em seus cursos (NUNOMURA, 2003). Associa-se a este quadro, certa imobilidade infantil

motivada pela verticalização das cidades e pela violência urbana que inviabiliza a 'rua' como palco de experimentação (RODRIGUES, 2005).

Estes fatos associados diminuem a gama de experiências e vivências motrizes das crianças atualmente, interferindo no processo de assimilação e aprendizagem e desenvolvimento global e até no processo de construção do Sujeito (OLIVEIRA, 1997; DE MEUER E STAES, 1991).

A falta de aparelhos oficiais da ginástica artística não deve ser o principal motivo para o não desenvolvimento da modalidade na escola, já que muitos dos elementos da ginástica artística podem ser executados com materiais alternativos e adaptados das mais diversas maneiras.

Em pesquisa realizada por Almeida (2000) concluiu-se que as professoras formadas pelo antigo curso do magistério, responsáveis pelas aulas de Educação Física para o primeiro ciclo Ensino Fundamental (na época das entrevistas), sentiam-se inseguras ministrando as aulas de Educação Física, além disto, as docentes afirmaram que o curso de formação não as preparava para tal atividade.

Estudos revelam que a justificativa mais usual para explicar a ausência da Ginástica na escola era à falta de conhecimento dos professores a respeito da mesma, mais do que o aspecto da falta de espaço e materiais (NISTA-PICCOLO, 1988; POLITO, 1998).

Quando o professor tem o amplo conhecimento do conteúdo a ser ensinado e de como deve ensinar, pode transformar suas idéias em uma prática possível, inclusive criando alternativas de materiais mesmo sem materiais de forma planejada.

O mesmo não acontece quando o professor tem materiais, mas não tem conhecimento dos conteúdos a serem ensinados (NISTA-PICCOLO, 1988; POLITO, 1998).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste estudo de revisão foi possível concluir que o caminho a ser percorrido ainda é longo para que a G.A. seja implementada como conteúdo da Educação Física Escolar. Foi possível identificar que a G.A. ainda é vista pelos professores de Educação Física como um conteúdo de difícil aplicação. Variáveis intervenientes também contribuem na exclusão de sua aplicabilidade em aulas de Educação Física Escolar. Acredita-se que, mesmo que a G.A. seja obrigatoriamente ofertada nos Cursos de Educação Física e que seja reconhecida como desporto de base na prática docente dos educadores físicos nas escolas, ainda se levará tempo para que esta modalidade possa se difundir como prática pedagógica comprometida com o desenvolvimento global de escolares, especialmente das crianças da Escola Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Deixar de trabalhar um conteúdo que tem em seu repertório de movimentos uma diversidade de qualidades físicas e elementos psicomotores não parece ser apropriado aos profissionais que pretendem trabalhar em consonância com a maximização das habilidades e competências de seus alunos.

Parece ser urgente repensar a aplicação, quase que exclusiva, dos desportos de Quadra (futsal, basquetebol, handebol e voleibol) como conteúdo nas aulas de Educação Física Escolar.

Também ficou evidente na pesquisa apresentada que, embora a Ginástica Artística ainda não seja contemplada nos planejamentos em Educação Física Escolar, se inserida na escola como meio e não fim, ministrada por um profissional realmente capacitado, esta modalidade pode contribuir em muito para o desenvolvimento do aluno em sua totalidade.

6. REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **A Criança e Seus Jogos**. Porto Alegre: Artmed: 1992.

ARAÚJO, D.C.; AVILA, A. C. ; AZEVEDO, G. G. ; SANTOS, E. A.; ARÊAS NETO, N.T. **A IMPORTÂNCIA DAS VIVÊNCIAS PSICOMOTORAS NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA.** In: III Congresso Internacional do Conhecimento Científico, 2009, Campos - RJ. *Perspectiva online*. (Suplemento), 2009

ALMEIDA, J. S. *Mulher e educação: a paixão pelo possível.* São Paulo: UNESP, 1998. _____. *As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania.* *Revista Brasileira de Educação de Estudos Pedagógicos.* Brasília: RBEP, v. 81, n. 197, p. 1-183, jan./abr. 2000.

AYOUB, E. *Ginástica Geral e Educação Física escolar.* Campinas: Unicamp, 2003.

ARÊAS NETO, Nilo Terra. **O Movimento Acrobático como meio de Resgate da Auto-confiança e Incremento da Auto-estima de População de Baixa-renda.** (Graduação em Educação Física). Universidade Estácio de Sá, 2003

ARÊAS NETO, N. T.; MORALES, A. P.; DIAS, L.H.; ALMEIDA S. M. W. e DA SILVA, V. F. **Estudo comparativo de variáveis bioperacionais entre atletas de desportos de diferentes demandas.** *Motriz, Rio Claro, v.16 n.3 p.610-619, jul./set. 2010.*

BETTI, M; ZULIANI, L. R. **Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas.** *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte.* v.1, n. 1, p. 73-81, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretária de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/ SEF, 1997a (Área: Educação Física; Ciclos: 1 e 2).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/Secretaria de Ensino Fundamental (1º e 2º Ciclos).** Brasília: MEC/SEF, 1997b.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Leide Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Brasília: MEC/SEF, 1996.

BREGOLATO, R. A. **Cultura corporal da ginástica. Coleção Educação Física Escolar: no princípio da totalidade e na concepção histórico-crítica,** vol.2. São Paulo: ícone Editora, 2002.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil -A História que Não se Conta.** Campinas: Papyrus. 1994.

COLLARES, C. A. L. e MOYSÉS, M. A. A. **A História não Contada dos Distúrbios de Aprendizagem.** Cadernos CEDES nº 28, Campinas: Papyrus, 1993, pp.31-48.-

DIECKERT, J. et al. **Elementos e princípios da Educação Física: Uma antologia.** Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1986

DE MEUR, A.; STAES, L. **Psicomotricidade: educação e reeducação.** Rio de Janeiro: Manole, 1992.

DARIDO, S. C; ANDRADE, I. C. **Educação Física na Escola.** Rio de Janeiro Guanabara Koogan, 2005.

DA SILVA, V. F. **Treinamento neurogênico bio-operacional: uma perspectiva da aprendizagem motora.** In: Rogério Vilela de Abreu Pereira; Raimundo Nonato de Azevedo; Mauro Cesar Gurgel de Alencar Carvalho. (Org.). *Força: Aspectos básicos do treinamento.* 1 ed. Rio de Janeiro: AZ, 2002a, v. 01, p. 93-126.

FONSECA, V. **Psicomotricidade: filogênese, ontogênese e retrogênese.** Porto Alegre: ARTMED, 1998.

FONSECA, V. **Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem.** Porto Alegre: Editora Artmed, 2008.

- GUEDES, J. E. P.; GUEDES, D. P. Características dos programas de Educação Física escolar. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v. 11, n. 1, p. 10-17 São Paulo, 1997.
- HOSTAL, P. **Pedagogia da ginástica olímpica**. SP: Manole Editora, 1982
- KOREN, S.B.R. **A ginástica vivenciada na escola e analisada na perspectiva da criança**. Campinas, São Paulo, 2004.
- LAPIERRE e AUCOUTURIER. **Psicomotricidade Relacional e Análise Corporal da Relação**. Ed. UFPR. Curitiba. 1986.
- LE BOULCH, J. **O Desenvolvimento Psicomotor: Do Nascimento Aos 6 Anos**. Porto Alegre: ARTMED, 1982.
- LENT, R. **Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociência**. São Paulo: Atheneu, 2004.
- MENEGHETTI, L. A ginástica geral e a formação universitária na FEFISA – Faculdades Integradas de Santo André, 2003.
- MARROU, H.I. **História da educação na antiguidade**, São Paulo: Editora Herder, 1969.
- MARINHO, I.P. **Sistemas e métodos de educação física**. São Paulo: Cia. Brasil Editora, 1953..
- NISTA-PICCOLO, V. L. **Atividades físicas como proposta educacional para a 1ª fase do 1º grau**. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1988.
- NUNOMURA, M. e PICCOLO, V. **Compreendendo a Ginástica Artística**: São Paulo: Editora Phorte, 2005.
- NUNOMURA, M. Ginástica Educacional ou Ginástica Olímpica. **Revista Motriz, Rio Claro - Volume 4, Número 1, Junho**. 1998a.
- NUNOMURA, M. A GINÁSTICA ARTÍSTICA NO BRASIL: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL. **Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 24, n. 3, p. 175-194, maio**. 2003
- NUNOMURA, M. Segurança na Ginástica Olímpica. . **Motriz, Rio Claro**, Ano 4. Edição:4. 1998b.
- OLIVEIRA, G. de C. **Psicomotricidade: Educação e Reeducação num Enfoque Psicopedagógico**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.
- OLIVEIRA, V. M. **Educação física humanista**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985
- PUBLIO, N. S. **Evolução histórica da ginástica olímpica**. 2ª ed, São Paulo: Phorte, 2002
- POLITO, B. S. **A Ginástica Artística na escola: realidade ou possibilidade**. Monografia (Graduação) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 1998.
- ROSA NETO, Francisco; ALMEIDA, Geciely M. Fogaça de; CAON, Giane; RIBEIRO, JOYCE; CARAM, Janaina Aline; PIUCCO, Elaine Carmelita Piucco. Desenvolvimento Motor de Crianças com indicadores de dificuldades na aprendizagem escolar. **Revista brasileira Ciência e Movimento; 15(1): 45-51, 2007**.
- ROSA NETO, Francisco. **Manual da Avaliação Motora**. Porto Alegre: Artemed. 2002.
- SOUZA, E. P. M. De. **Ginástica geral: uma área do conhecimento da educação física**. Campinas. 1997.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TANI, G. Et al. **A Educação Física escolar – fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1988.

VYGOTSKY, L.S. ; LURIA, A.R. e LEONTIEV, A.N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo ; Ícone, 1989.